

K R I T E R I O N

REVISTA DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

931
VIANNA, S.B.

CL

1973

Sobre Pitágoras e pitagóricos

Sylvio Barata Vianna

"Pharamond fut le premier roi de France. On n'est pas très sûr qu'il ait existé. Qui qu'il en soit, son fils Chilpéric lui succéda..."

ISTO que se lê, talvez, num antigo manual — comenta Abel Rey — poder-se-ia dizer de Pitágoras e dos pitagóricos.¹

Na verdade, várias circunstâncias determinaram denso véu de mistério em torno da figura de Pitágoras, mistério que se estendeu a seus discípulos, notadamente, os imediatos. Tão misteriosa se tornou a figura de Pitágoras, que chegaram alguns autores a duvidar — como duvidosa se apresenta a pessoa de Faramond no trecho transcrito — de sua existência física. Mas esta é fartamente comprovada por vários testemunhos, conforme veremos, dentre os quais, Heráclito de Éfeso, Heródoto de Halicarnasso, Platão e Aristóteles.

Dentre os motivos que contribuíram para o grande mistério em torno de Pitágoras, foi, talvez, o mais poderoso a limitação das doutrinas professadas pelo mestre e, provavel-

1. ABEL REY, *La jeunesse de la science grecque*. Ed. Albin Michel, Paris, 1933, p. 103.

mente, pelos seus primeiros discípulos, à palavra oral. Verdade é que escritos há atribuídos a Pitágoras, dentre os quais, os famosos *Versos de ouro*, mas que, realmente, resultaram — conforme expressão de Léon Robin — de “grosseira compilação do séc. III ou IV da nossa era”.²

No discutido trabalho sobre as *Vidas, doutrinas e sentenças dos filósofos ilustres* (VIII, 67), diz Diógenes Laércio que escreveu Pitágoras três livros sobre a educação, o estadista e a natureza, mas isto é recebido com toda incredulidade pela maioria dos historiadores, acreditando estes que tenham sido essas obras produzidas no séc. II ou I a. C.

Dos poucos autores contemporâneos que acreditam ter Pitágoras escrito, lembramos Gigon, para quem os pitagóricos de orientação mais avançada e que, ao mesmo tempo, respeitavam a memória do velho mestre, vendo, em seus trabalhos, sérias dissonâncias com o progresso alcançado pela Filosofia da Natureza, tudo fizeram para negar-lhe, dos mesmos, autoria.³

Certo nos parece entretanto o ponto de vista da maioria dos historiadores que negam a existência de qualquer escrito de origem pitagórica, confirmando o que, a respeito, já dissera Jâmblico (c. 250-330), filósofo neoplatônico, discípulo de Porfírio (232-304), em sua *Vida pitagórica*, que “... jamais se encontrou qualquer nota pitagórica antes do tempo de Filolau...”, este, famoso representante do pitagorismo e que floresceu na segunda metade do séc. V a. C., mais de cinquenta anos após a morte de Pitágoras.

Ora, não nos tendo chegado palavras de sua autoria, haveremos, para reconstituir sua personalidade bem como suas doutrinas, de recorrer a fontes intermediárias, muitas vezes, longe de serem concordantes.

2. LÉON ROBIN, *La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique*. Ed. Albin Michel, Paris, 1932, p. 60.

3. OLOF GIGON, *Los orígenes de la filosofía griega, de Hesíodo a Parménides*. Trad. de M.C. Gútiérrez. Gredos, Madrid, 1971, p. 137.

Parece-nos oportuno observar que essa circunstância — limitação à palavra oral — também adotada por Sócrates, fez, deste, outro grande enigma da história da filosofia grega. E mais interessante é lembrar que, embora não possa nenhum historiador do pensamento filosófico da Grécia apresentar um perfil tranqüilo de Pitágoras nem de Sócrates, também não pode ignorar que tiveram ambos influência decisiva sobre toda a filosofia postreior do Ocidente, o que se afigura, à primeira vista, paradoxal. Referindo-se a Sócrates, escreve Brunschvicg que se observa esse paradoxo na origem de quase todo grande movimento de idéias: sabe-se suficientemente para afirmar-se que tal movimento se deve à iniciativa e à ascendência de determinada personalidade; mas não se sabe bastante para se extirparem, dessa personalidade, os pontos obscuros, as contradições e as lendas.⁴ Como no caso de Sócrates, no qual não se pode distinguir precisamente o que foi professado por ele e por Platão, não é possível separar, no caso de Pitágoras, suas doutrinas das de seus discípulos, notadamente os imediatos.

Outra circunstância que contribuiu seriamente para o grande mistério em torno de Pitágoras: a lenda que o cercou ainda vivo, tendo-se mesmo tornado ele um herói lendário. E tudo nos faz acreditar que o próprio Pitágoras contribuía para isto. Refere-se Heródoto de Halicarnasso, historiador grego do séc. V a. C., a uma história que vincula Pitágoras com Zalmóxis, figura mítica da Trácia.⁵ E num de seus trabalhos exotéricos *Sobre os pitagóricos*, fala Aristóteles da divisão “altamente secreta” dos seres humanos em três classes: deuses, homens e seres como Pitágoras. Escreve mais o estagirita, no mesmo trabalho, que Pitágoras, filho de Apolo ou de Hermes, desceu aos infernos e de lá retornou; que tinha ele uma coxa de ouro, possuía o dom da ubiqüidade e era autor de profecias... E foi a lenda acatada por vários discípulos de Aristóteles, como

4. LÉON BRUNSCHVICG, *Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale*. P.U.F., Paris, 1953, vol. I, p. 4.

5. HERÓDOTO, *Histórias*, IV, 94.

Clearco, Aristóxeno e outros, além de Heráclides Pôntico, famoso representante da Academia e contemporâneo do estagirita.⁶

De Pitágoras, escreve Diógenes Laércio, na obra citada (VIII, 3), que "se iniciou em todos os mistérios e ritos, não só da Grécia como de países estrangeiros... Em Creta, desceu ele ao antro de Ida com Epimênides;⁷ também entrou nos santuários egípcios onde obteve o saber secreto concernente aos deuses..."

Refere-se Arthur Versiani Velloso a Pitágoras como "mágico ou bruxo-mor" a quem se vinculavam pitagóricos, pitagoreanos e pitagoristas, aprendendo, gradativamente, "uma ciência misteriosa, hermética, sibilina e esotérica, que tinha da magia e do baixo espiritismo dos cultos órficos e asiáticos".⁸

Por estes e outros motivos, escreve François Millepierres que, "para dizer-se a verdade, ainda vivo, já passara Pitágoras para a lenda. Não podemos proceder, relativamente a ele, de acordo com os métodos rigorosos da pesquisa histórica. Por muito que remontássemos às fontes de informações, Pitágoras, sem se integrar, como Orfeu, no mito puro, apresenta-se-nos como um ser sobrenatural".⁹

Mais outro motivo determinante do mistério em torno de Pitágoras e seus discípulos imediatos: o silêncio imposto pelo mestre a seus sequazes. Sabe-se que fundou Pitágoras em Crótona, na Itália Meridional, uma ordem mística onde, evidentemente, eram discutidas as doutrinas da Escola. Informa-nos o referido Jâmblico, em sua obra citada, que haviam os candidatos, ao ingresso na ordem, de observar, como parte do

6. LÉON ROBIN, *op. cit.*, p. 59.

7. Epimênides de Creta, contemporâneo dos Sete Sábios da Grécia — às vezes, considerado um deles — está, como Pitágoras, relacionado com histórias fantásticas.

8. ARTHUR VERSIANI VELLOSO, *Introdução à História da Filosofia*. Agir, Belo Horizonte, 1947, p. 98.

9. FRANÇOIS MILLEPIERRES, *Pythagore, fils d'Apollon*. Gallimard, Paris, 1953, p. 10.

noviciado, o período de cinco anos de silêncio. Querem alguns historiadores que se limitasse esse silêncio às atividades de natureza mística. Mas fala-nos o mesmo Jâmblico, no mencionado trabalho, que um dos mais famosos representantes da ordem, Hípaso de Metaponto, teve a leviandade de não só revelar a estranhos uma descoberta de Pitágoras — a qual, de acordo com o severo regulamento da Escola, podia ser discutida apenas entre mestre e discípulos — como de atribuir-se aquela descoberta. E como punição, teriam os confrades de Hípaso afogado-o ou alijado-o da ordem ou construído um túmulo com seu nome, apesar de vivo ainda. Lendária que seja a história, tem ela certamente seu fundo de verdade. Onde parece sensato concluir-se que a discussão das doutrinas pitagóricas, fossem místicas ou científicas, deveria limitar-se ao âmbito da ordem. Aliás, escreve Porfírio em sua *Vida de Pitágoras*: "O que dizia ele a seus íntimos ninguém pode saber com certeza, pois mantinham silêncio impressionante". É fácil então imaginar a vastidão de assuntos que levaram para seus túmulos os representantes da Escola.

Embora postas em dúvida, por grandes historiadores da filosofia grega, as viagens de Pitágoras ao Oriente, as notícias a respeito são muito insistentes. E as atitudes acentuadamente místicas dos pitagóricos fazem-nos lembrar práticas ou hábitos orientais originariamente estranhos à tradição grega. Sabemos, p. ex., que, dentre os hindus, os egípcios e outros povos do Oriente, havia séria preocupação no sentido de manter-se o alto saber, que era um saber sagrado, como privilégio da casta sacerdotal. Daí, o silêncio imposto aos intelectualmente privilegiados, isto é, aos que mereciam, pelos seus dotes mentais, receber aquela elevada sabedoria. Sabe-se que, mesmo depois de introduzida a escrita na Índia, foram os *Vedas*, livros do saber sagrado hindu, transmitidos durante séculos, de geração a geração, através da palavra oral, sendo dotados os seus transmissores do mais elevado gabarito inte-

"Como líder religioso e, ao mesmo tempo, gênio científico, desde a época em que viveu até muitos séculos depois, foi venerado pelos seus sequazes, violentamente atacado por outros, mas ignorado por ninguém".¹¹

E é interessante observar que, também essa duplicidade de referências — favoráveis e desfavoráveis — encontramos relativamente a Sócrates, provocador de tanto ódio que foi condenado à pena capital pelos seus concidadãos. E outros exemplos se encontram na história da humanidade.

Tudo nos faz acreditar que, ainda no tempo de Platão e Aristóteles, já se apresentava Pitágoras como figura seriamente problemática. Com efeito, na extensa obra platônica, só se encontra uma vez o nome de Pitágoras (*República*, 600b). E nas obras acroamáticas de Aristóteles, também extensas, só se encontra seu nome duas vezes: na *Metafísica*, I, 5, 986a 29 e na *Retórica*, II, 23, 1398b 14. Entretanto, historiadores escrupulosos há, como Ross, que duvidam da autenticidade do trecho primeiramente lembrado. Além disto, nenhuma referência proveitosa há, no trecho em questão, para o conhecimento de Pitágoras ou de qualquer doutrina por ele professada, o que também ocorre com a mencionada passagem da *Retórica*. Na verdade, esteja Aristóteles se referindo a doutrinas professadas pelo velho mestre ou por seus discípulos, prefere ele relacioná-las com "aqueles que se chamam pitagóricos" ou com os "itálicos", querendo isto dizer que já tinha o estagirita dificuldade em distinguir o pensamento de Pitágoras do de seus discípulos.

Apesar de tantas dúvidas a respeito de Pitágoras — e a isto já nos referimos — nenhum historiador da filosofia grega tem direito de ignorar a influência decisiva do velho mestre sobre toda a posteridade filosófica do Ocidente, o que pode parecer, como dissemos, paradoxal. Exemplo dessa influência

11. W.K.C. GUTHRIE, *A History of Greek Philosophy*. University Press, Cambridge, 1967, vol. I, p. 181.

encontramos em Parmênides de Eléia, fundador de fato da Escola Eleata e marco decisivo na história da filosofia grega em particular, e ocidental em geral: grande helenista que é, Cornford considera-o autêntico produto (*off-shoot*) do pitagorismo. E acredita o mesmo autor haver Platão encontrado, na filosofia itálica, sua principal fonte de inspiração.¹² E não sabe Bertrand Russell de outro homem que haja tido tamanha influência no âmbito do pensamento, justificando-se: "Digo isto porquanto o que se afigure como platonismo é, desde que analisado, pitagorismo na essência".¹³ E apesar da severa crítica promovida em vários trechos de sua obra, contra os pitagóricos, manifestou Aristóteles visível influência do pitagorismo. Exemplo se encontra — como observa Burnet — na "teoria das três vidas", atribuída por Heráclides Pôntico a Pitágoras, a qual, além de adotada pelo estagirita,¹⁴ inspirou-o na classificação das ciências em práticas, poéticas e teóricas.¹⁵

A "teoria das três vidas" foi exposta por Heráclides num de seus trabalhos que se perderam, mas que chegou a ser lido por Cícero e Diógenes Laércio, tendo-nos então estes podido transmiti-la. Conforme escreveu o grande tribuno romano, reproduzindo o que expusera Heráclides, estivera Pitágoras em Flionte, situada no Peloponeso e onde pronunciara ele para Leo, príncipe da Cidade, sábios discursos sobre assuntos diversos. Maravilhado com o alto saber de Pitágoras e com sua eloquência, perguntou-lhe Leo de que ciência fazia ele particularmente profissão. Respondeu-lhe Pitágoras que não tinha ele nenhuma ciência, mas que era *filósofo*. Surpreendido com o neologismo, indagou-lhe o príncipe a respeito dos filósofos: quais eram? em que se distinguiam dos outros

12. F.M. CORNFORD, *From Religion to Philosophy*. H. & Brothers, New York, 1957, p. 194.

13. BERTRAND RUSSELL, *A History of Western Philosophy*. S. and Schuster, New York, 1945, p. 37.

14. ARISTÓTELES, *Ética de Nicômaco*. I, 5, 1095 b, 13-1096 a 4.

15. ARISTÓTELES, *Metafísica*, VI, I, 1025 b 26.

lectual. Também no Egito, onde parece ter estado Pitágoras, era o alto saber monopolizado pela casta sacerdotal. Parece então ter sido o mestre influenciado por essa praxe encontrada no Oriente quando impôs, aos sectários de sua ordem, o mais rigoroso silêncio.

Queremos finalmente referir-nos a outra circunstância que aumenta o mistério em torno de Pitágoras: há informações contraditórias a respeito de sua honestidade intelectual. Com efeito, Heráclito de Êfeso, outro famoso filósofo grego pré-socrático, contemporâneo de Pitágoras, embora de geração posterior, a ele se refere de modo bastante depreciativo:

"Aprender muito não enriquece a inteligência; caso contrário, tê-la-iam enriquecido Hesíodo e Pitágoras, assim como Xenófanes e Hecateu". (fragm D. 40)

Outra do mesmo filósofo:

"Pitágoras, filho de Mnesarco, levou as pesquisas mais longe do que os demais homens, e, fazendo uma seleção desses escritos, reivindicou, como sabedoria própria, o que nada mais era do que conhecimento de muitas coisas, uma arte de embuste". (fragm. D. 129)

Ora, de Empédocles de Agrigento, mais outro famoso pensador pré-socrático, que floresceu, aproximadamente, no ano de 444, portanto, de geração muito posterior à de Pitágoras, mas certamente entrosado no pitagorismo, constando mesmo ter sido, ele próprio, representante do movimento pitagórico, chegaram-nos as palavras depois transcritas. Apesar de não se referirem estas, expressamente, ao velho mestre, a ele — é a opinião de grandes intérpretes — devem reportar-se:

"E dentre aqueles homens (os da idade de ouro), havia um de raro saber, versado ao máximo em toda sorte de obras sábias, dotado da maior riqueza de conhecimentos..." (parte do fragm. D. 129)

Acata Gigon a acusação de Heráclito, contida no fragm. D. 129, considerando-a confirmada por Heródoto num trecho de suas *Histórias* (II, 123), onde se refere este a gregos que adotaram a doutrina da metempsicose como se fosse de sua autoria, mas que, na verdade, era originariamente egípcia.¹⁰

Entretanto, Burnet, Stain e outros, grandes conhecedores da língua grega, analisando esse trecho das *Histórias* de Heródoto, não admitem que esteja o historiador se referindo a personalidade do passado — como seria o caso de Pitágoras relativamente àquele autor — sim, a contemporâneos seus. Acreditam Burnet e Stain — que também são grandes conhecedores da filosofia grega pré-socrática — que esteja Heródoto se referindo a Empédocles, contemporâneo seu e que realmente professou, como Pitágoras, a doutrina da metempsicose. Além disto, refere-se Heródoto a Pitágoras, noutra trecho das mesmas *Histórias* (IV, 95), como "um dos não menores sábios dentre os gregos..."

A respeito, não pode o testemunho de Heráclito ser levado muito a sério, pois foi o efesino irremediável misantropo, verificando-se, através de suas sentenças que nos chegaram, que raríssimos homens mereceram seus elogios. Aliás, no próprio fragm. D. 40 de Heráclito e que transcrevemos, observa-se sua crítica impiedosa a pensadores que foram, ao lado de Pitágoras, grandes expressões da cultura grega. E apesar da discrepância entre a referência de Heráclito e a de Empédocles a Pitágoras, verifica-se, nos dois fragmentos, essa concordância: que foi o velho mestre homem de raro saber.

Mas não foi só Heráclito, com sua irremediável misantropia, que se insurgiu decididamente contra Pitágoras: conta-se este dentre os mais famosos gênios que despertaram, ou muita simpatia, ou ódio intenso. A propósito, escreve Guthrie:

10. OLOF GIGON, *op. cit.*, p. 138.

homens? Explicou-lhe então Pitágoras que se lhe aparentava a vida humana como um desses grandes mercados que se organizavam por ocasião dos jogos e onde a Grécia em peso se reunia: uns aí vinham para conquistar a glória e conseguir o prêmio merecido pelos seus corpos de atletas; outros lá eram levados pela ambição do lucro que contavam apurar nas compras e vendas; mas ali se encontravam também homens de outra classe — os mais nobres — atraídos unicamente pelo desejo de ver, de observar desinteressadamente o que lá se fazia e como as coisas se passavam. Assim como deixamos uma cidade para penetrar num mercado concorrido, saímos de uma vida anterior e nos despojamos de nossa forma antiga para entrar nesta vida presente: uns só pensam na glória; outros, no dinheiro; um número muito restrito, nada mais levando em conta, dedica-se com ardor à consideração da natureza; dizem-se estes amigos da sabedoria, isto é, filósofos, e, como num mercado, a atitude mais digna do homem livre é a de um espectador que nenhum proveito procure para si mesmo, a contemplação e o conhecimento arrebatam-no mais do que qualquer outra ambição.¹⁶

Por sua vez, reportando-se à mesma história exposta por Heráclides, escreveu Diógenes Laércio (I, 12) que teria dito mais Pitágoras para Leo: "nenhum homem é sábio, somente Deus." Isto é, a sabedoria só convinha a Deus. O máximo que poderia pretender o homem, na sua pequenez, era ser amigo da sabedoria, isto é, filósofo.

É interessante observar que, também Platão, adotou a mesma atitude, conforme se vê num trecho de seu *Fedro* (278d), onde diz Sócrates ao personagem que dá nome ao diálogo: "A palavra sábio, Fedro, parece-me demasiadamente sublime, só convindo a Deus; a expressão amigo da sabedoria (filósofo) ou outra semelhante ser-lhe-ia mais conveniente e adequada à sua pequenez."

16. CÍCERO, *Tusculanas*, V, 3.

Baseados na história contada por Hercáclides, reproduzida por Cícero e Diógenes Laércio, verificamos o seguinte relativamente a Pitágoras:

1. Foi ele o inventor do termo *filósofo*, conseqüentemente, dos cognatos *Filosofia* e *filosofar*. Na verdade, não encontramos, em nenhum documento anterior à data de Pitágoras e mesmo contemporâneo seu, a presença de qualquer dessas palavras.

2. Era a Filosofia, para Pitágoras, uma atitude inteiramente desinteressada, vale dizer, teórica, contemplativa, só adotada por uma classe diminuta de homens, os mais nobres. Naquele tempo e bem posteriormente, não se distinguia a Filosofia das ciências teóricas mais elevadas, como as Matemáticas, a Filosofia da Natureza, etc. Preocupava-se a maioria dos indivíduos humanos, segundo Pitágoras, com a satisfação dos interesses imediatos, egoísticos, fossem lucros materiais, fosse a fama ou a glória ou a projeção do próprio nome ou recompensa do mesmo gênero.

3. Professava Pitágoras a doutrina da metempsicose ou transmigração das almas, o que poderia ocorrer, não só entre indivíduos humanos, como entre quaisquer seres dotados de vida, inclusive animais e vegetais. É o que verificamos através dum fragmento procedente de Empédocles de Agrigento que, como dissemos, representou o movimento pitagórico, professando pois aquela doutrina:

"Porque fui, outrora, um moço e uma moça, um arbusto e um pássaro, e um peixe mudo no mar." (fragm. D. 117)

Já Xenófanes de Colofônio, também famoso filósofo grego pré-socrático, contemporâneo de Pitágoras mas, provavelmente, de geração posterior, testemunhara, através de algumas palavras, a crença do velho mestre na doutrina. Quando passava este por certo local, na hora em que se surrava um cão — conta Xenófanes — teria ele exclamado:

"Parai! Não batei! É a alma de um amigo. Reconheci-a pelo tom de sua voz." (fragm. D. 7)

O modo satírico com que se pronuncia Xenófanes dá-nos a entender que não era tal doutrina tradicionalmente professada pelos gregos. Por sua vez, viria Aristóteles a criticá-la severamente.¹⁷

Donde teria Pitágoras recebido a famosa doutrina? Variam as opiniões consideravelmente. Uma coisa é certa: a informação de Heródoto, à qual já nos referimos, de que a teriam gregos importado do Egito para a Grécia não é acolhida pela maioria dos historiadores contemporâneos, pois estão estes convencidos de que não chegaram os egípcios a professar a doutrina. Não há dúvida de que foi ela professada pelos hindus, vendo Gomperz possibilidade de havê-la recebido Pitágoras da Índia através da Pérsia. Robustecida se apresenta tal possibilidade, de acordo com o historiador alemão, pelo fato de que, quando ainda morava Pitágoras em Samos, na antiga Jônia, parte desta, bem como da Índia, obedeciam ao mesmo soberano: Ciro, fundador do império persa.¹⁸ Outra coisa é certa: quando fundou Pitágoras sua ordem, era a doutrina professada pelos órficos, isto é, partidários do orfismo, seita religiosa que se expandiu na Grécia a partir do séc. VI a.C. Diziam os órficos que fora a seita fundada por Orfeu, cantor mítico que surgiu na literatura e na arte gregas daquele século. Proclamavam eles a origem divina da alma bem como a indignidade da existência terrena. Tal como se encontra neste mundo terreno — diziam os órficos — resulta o ser humano da junção de dois princípios díspares: a alma, de natureza divina, e o corpo, elemento grosseiro que funciona como sua prisão ou túmulo. Bem provável é que tenham os pitagóricos recebido a doutrina dos órficos.

17. ARISTÓTELES, *Da alma*, I, 3, 407 b, 22-26.

18. TEODOR GOMPERZ, *The Greek Thinkers*. Trad. de L. Magnus. John Murray, London, 1949, vol. I, p. 127.

Acha Gomperz que se possa resumir a doutrina da metempsicose nessa expressão: "a queda da alma pelo pecado." De origem celestial, viviam nossas almas, outrora, ao lado dos deuses, conhecendo as realidades perfeitas. Mas cometeram elas uma falta. Qual tenha sido a natureza dessa falta, não há esclarecimento na literatura daqueles tempos. Por castigo, houve cada alma de encerrar-se num corpo terreno, decaindo. Funciona pois o corpo como prisão ou túmulo da alma. Dentre os órficos, encontrava-se a doutrina estreitamente vinculada a certo mito, conhecido como "o mito de Dioniso Zagreu", este, filho, de Zeus e Perséfone, ao qual, ainda menino, confiara o pai celestial o império do mundo. Perseguido pelos Titans, conseguiu a criança escapar através de diversas metamorfoses, até que, assumindo a forma de touro, foi apanhada pelos seus perseguidores que a reduziram a pedaços por eles devorados, exceto o coração que, salvo por Atena, foi levado a Zeus, que o comeu para, dele, criar "o novo Dioniso". Punindo os Titans, fulminou-os Zeus com um raio, reduzindo-os a cinzas. Precisamente dessas cinzas, nasceu a raça humana que, conseqüentemente, contém dois princípios contrários: o titânico, indigno, desprezível, representado pelo corpo; e o princípio dionisíaco, nobre — haviam os Titans devorado um deus, que era Dioniso — representado pela alma. Assim se explica a duplicidade da natureza humana, ou seja, a contradição de condutas, más e boas, adotadas por um só indivíduo. A respeito, escreve Platão que, como vimos, foi decididamente influenciado pelos pitagóricos — tendo estes também professado a doutrina — num de seus diálogos (Crátilo 400-c), jogando com as palavras soma (σῶμα = corpo) e sema (σῆμα = sinal e túmulo):

"Dizem uns que o corpo (soma) é o túmulo (sema) da alma, porque se encontra ela nele sepultada durante esta vida. Como, por outro lado, é por meio dele que a alma exprime o que queira ela dizer, fala-se que, também sob este aspecto, convém-lhe a palavra sinal (sema). O que me parece mais verossímil é terem

sido os órficos que apresentaram esse termo com o propósito de dizer que a alma expia as faltas por que é punida, e que está encerrada num corpo, como se estivesse numa prisão..."

E de Empédocles, chegaram-nos esses fragmentos:

"Chorei e lamentei quando vi essa região que não me era familiar". "De quantas honras, de que altura de felicidade cai para errar nesta terra dentre os mortais!" "Estamos nesta caverna..." "Ai de ti, miserável raça de mortais, duas vezes amaldiçoada: de quantas lutas e de quantos gemidos nasceste!" "(A divindade) revestiu (as almas) com estranho invólucro de carne". (fragm. D. 118/120, 124 e 126)

Quer isto dizer que, para os sectários da doutrina, a mais nobre atitude do homem era promover a cisão dos laços que prendem a alma ao corpo. Não poderia ocorrer tal cisão por meio violento como o suicídio, pois, pertencendo nós aos deuses, a estes unicamente competia decidir de nossa vida. Adotar aquele meio violento seria praticar, pois, um ato de impiedade. É o que diz Sócrates, no diálogo platônico *Fédon* (62b), a dois interlocutores pitagóricos:

"... nós, homens, estamos numa espécie de posto, de que não podemos escapar nem fugir... os deuses velam por nós, que constituímos uma de suas propriedades..."

Como livrar-se então o homem desse mau companheiro que é o corpo? Pela purificação (záθαρσις). Dentre os órficos, assumia ela caráter ritual. Entre os pitagóricos, realizava-se mediante a observância de princípios morais e, principalmente, pela pesquisa intelectual desinteressada. Quanto ao aspecto moral da purificação dentre os pitagóricos, havia cada membro da comunidade de propor-se, no fim do dia, três questões, bem como respondê-las: "Que fiz de bom?" "Em que falhei?" "No que falhei, que deixei de fazer?" Além disto, observavam os pitagóricos numerosos preceitos, muitos dos quais soam tão estranhamente, que vários historiadores consideram-nos resultantes da sobrevivência de tabus primitivos. Exemplos: "Não

atizar o fogo com a espada." "Não passar por cima da balança." "Não se assentar sobre um alqueire." "Não comer coração." Autores há entretanto, como Diógenes Laércio (VIII, 18), que, considerando o hermetismo da ordem pitagórica, interpretam-nos simbolicamente. Assim é que, pela primeira sentença transcrita, deve-se entender: não provocar a ira dos poderosos. Pela segunda: não ultrapassar os limites da equidade e da justiça. Pela terceira: não se contentar com o que se tem agora, ou seja, pensar no futuro (era o alqueire considerado, entre os gregos, a medida correspondente a uma razão). Finalmente, a quarta: não consumir a própria alma com tormentos e paixões.

A mais elevada forma de purificação dentre os pitagóricos ocorria, entretanto, como dissemos, através do cultivo do alto saber, que incluía não só a Filosofia (no sentido restrito que hoje atribuímos à palavra), como as ciências teóricas então existentes, notadamente as matemáticas. Com a morte do corpo, se tivesse o indivíduo seguido aquela vida austera que incluía as purificações, estaria sua alma desvinculada dos laços materiais, livre da cadeia de nascimentos e mortes, apta a voltar à situação celestial em que se encontrara. Caso contrário, haveria ela de peregrinar neste mundo, deste para aquele corpo, que podia ser, como vimos, de animal inferior e, mesmo, de planta, cumprindo assim o ciclo das purificações. É o que verificamos através do fragmento D. 117, que já transcrevemos, de Empédocles de Agrigento. É o que se chama "ciclo de nascimentos e mortes" de que devia procurar livrar-se o homem digno. Conseguia tal liberação o verdadeiro filósofo, pois consistia o filosofar na superação, por parte da alma, das solicitações corporais. É o que diz Sócrates no mencionado diálogo platônico *Fédon* (64e - 65a):

"Parece-te portanto que as preocupações de tal homem (isto é, do filósofo) não dizem respeito ao corpo, mas, ao contrário, e na medida do possível, dele se afastam, voltando-se para a alma?..."

"Eis então esse primeiro ponto que estabelecemos: nas circunstâncias de que acabamos de falar, não se verifica que procura o filósofo, tanto quanto pode e diversamente dos demais homens, desvincular sua alma do corpo?..."

Vejamos o que nos é possível falar, pelo menos aproximadamente, do próprio Pitágoras, sem esquecer a advertência de Millepierres de que — considerado o denso véu de mistério em torno da pessoa do velho mestre — não podemos proceder, a seu respeito, conforme os métodos rigorosos da pesquisa histórica.

Embora considerado tradicionalmente oriundo de Samos, é prudente dizer apenas — como faz Burnet — que viveu Pitágoras seus primeiros anos naquela Cidade, pois autores houve que o consideraram procedente de outros locais. Conforme Heráclito e Heródoto, era filho de Mnesarco, gravador. Apolodoro, o cronologista, situa seu *akmé*, isto é, seus quarenta anos ou apogeu lá pelo ano de 532/1 a.C., era da tirania de Polícrates de Samos. Faz-nos tudo acreditar que, desde muito jovem, foi dotado de singular voracidade pelo saber. Diz-nos Diógenes Laércio (VIII, 2) que, com recomendação de Zoilus, tio de Pitágoras, tornou-se este discípulo de Ferecides de Siros, personagem muito discutida, misto de poeta e filósofo, relacionado com os Sete Sábios da Grécia, autor de famosa cosmogonia e considerado por Cícero o primeiro grego a admitir a imortalidade da alma.¹⁹ Morto Ferecides, teria voltado Pitágoras a Samos e se tornado discípulo de um tal Hermodamas.²⁰ Depois, teria visitado vários países orientais, dentre eles o Egito onde, munido de uma carta de apresentação de Polícrates, dirigida a Amásis, então, faraó egípcio, pôde penetrar nos santuários daquele país, assenhoreando-se do saber sagrado concernente aos deuses. Muitos historiadores, como Joseph Fabre, acatam essa história, nela encontrando explicação para o misticismo pitagórico, que viria a medrar na Grécia, onde o gênio

19. CÍCERO, *op. cit.*, I, 16.

20. DIÓGENES LAÉRCIO, *op. cit.*, VIII, 2.

era livre, como se fosse uma planta exótica do Oriente.²¹ Já senhor de vasta bagagem cultural e, talvez, depois de ter visitado outros países orientais com o propósito de aprender, teria Pitágoras voltado a Samos com o objetivo de lá fundar uma sociedade místico-científica. Mas foi impossível a realização de seu intento por se encontrar aquela Cidade à mercê da tirania de Polícrates. Rumou então para a Itália Meridional, desembarcando em Crótona, Cidade fundada por uma colônia de Aqueus. Lá fundou Pitágoras, quando já contava a Cidade com importante escola de medicina, a famosa sociedade que viria, nos anos subseqüentes, a ramificar-se por várias partes da península itálica.

Qual a natureza daquela sociedade? Variam as opiniões. Conforme tradição que remonta a Dicearco, filósofo peripatético que floresceu lá pelo ano de 320, tratava-se de uma liga política, podendo-se isto comprovar pela sua participação no governo local, pelas peripécias por que passou, lutando contra partidos políticos. Outra tradição, que remonta a Aristóxeno, também filósofo peripatético, contemporâneo de Aristóteles e Teofrasto, diz que a natureza da sociedade era francamente científica. Para outros finalmente, como Burnet, tratava-se, na sua origem pelo menos, de uma entidade essencialmente mística, cujo fim específico consistia em assegurar, a seus membros, uma satisfação religiosa mais eficiente do que a oferecida pelo Estado.²²

Verdade é que a liga pitagórica participou francamente desses três ramos de atividade: místico, filosófico-científico e político. Vejamos, primeiramente, os aspectos místico e filosófico-científico.

Considerando-se que evoluiu o pitagorismo na velha Grécia, onde era o gênio tradicionalmente livre, tratou-se de curiosa situação que só fora observada, até então, no Oriente: o desen-

21. JOSEPH FABRE, *La pensée antique*. Alcan, Paris, 1909, p. 184.

22. JOHN BURNET, *L'aurore de la philosophie grecque*. Trad. de Aug. Reymond. Payot, Paris, 1919, p. 99.

volvimento da atividade racional ao lado da atividade mística. Ao mesmo tempo que adotavam os itálicos a atitude intelectual mais elevada — teórica, desinteressada, contemplativa — tinha essa atitude função catártica. Também na Índia — como nos demais países do Oriente — apresentava-se a Filosofia como soteriologia: tratava-se da “via do conhecimento”, proclamada por muitos hindus como a mais eficiente para conseguir-se a salvação. Escreve Guthrie que, “na idéia de purificação da alma, aproximamo-nos do vínculo que une os aspectos religioso e filosófico do pitagorismo, capacitando-nos a ver, neles, os dois elementos de um sistema unitário”.²³

A prática da catarse — atitude mística — levou os pitagóricos a grandes progressos no âmbito da Filosofia e da Ciência. Por outro lado, suas descobertas científicas conduziram-nos a atitudes francamente místicas. Exemplo muito ilustrativo é lembrado por Gomperz. Atribuíam os pitagóricos, à música, alta função purificadora do espírito: informa-nos Aristóxeno de que utilizavam eles a música para purificar a alma, assim como a medicina para purificar o corpo. Voltando ao exemplo apresentado por Gomperz, escreve ele que, cultivando a música, utilizava Pitágoras um monocórdio que dispunha de cavalete móvel, de modo a permitir a medida de sua corda. Verificou então o velho mestre, nos seus exercícios musicais, que os sons, altos e baixos, dependiam do comprimento da corda vibratória. Imagine-se — diz Gomperz — a surpresa altamente animadora do velho mestre — tão entusiasta das matemáticas como da música — quando lhe revelou essa verificação o reino maravilhoso de princípios inflexíveis num terreno, até então, inacessível à penetração científica. Tal verificação levou Pitágoras a estabelecer os intervalos musicais — quarta, quinta, oitava, etc. — até aquela data, só discerníveis pelo ouvido sensível do músico por vocação. Pode-se imaginar — continua Gomperz — quais os resultados positivos dessa descoberta para a mecânica dos sons. “A história da Ciência não conhece acaso mais feliz”.

23. W.K.C. GUTHRIE, *op. cit.*, vol. I, p. 199.

Por outro lado, esse feito no setor francamente científico levou os itálicos ao terreno da imaginação mística e filosófica mais avançada: se se mostrou o som — um dos fenômenos mais fugidios — mensurável no espaço, e se é o número a medida espacial, por que não haveria de ser ele a expressão da própria regularidade que penetra todos os setores da natureza, melhor, o núcleo e a essência mesma das coisas?²⁴ Daí, as afirmativas de Aristóteles, relativas à filosofia pitagórica, por uns, consideradas incongruentes, por outros, consonantes: *a.* as coisas são números; *b.* as coisas imitam os números. “Todo o céu — escreve o estagirita, referindo-se à filosofia dos itálicos²⁵ — é harmonia e número.” Daí, a “harmonia das esferas”, proclamada pelos pitagóricos e da qual nos dá notícia, outra vez, Aristóteles: se pequenos corpos, desenvolvendo pequena velocidade ao nosso redor, produzem sons, por que não haveria de ocorrer outro tanto com aquelas massas gigantescas que são os astros? “Apoiados em tais raciocínios bem como no argumento de que as velocidades, dependentes das distâncias, têm as proporções musicais, asseveraram eles (os pitagóricos) que o som emitido pelo movimento circular dos astros constitui harmonia. Considerando entretanto que possa parecer estranho não percebermos tal som, argumentaram eles que o ouvimos desde o momento em que nascemos, o que o torna indiscernível de seu oposto, o silêncio, sendo um e outro distinguíveis pelo contraste. Assim como os ferreiros perdem, pelo hábito, qualquer sentido de diferenciação, o mesmo ocorre com os demais homens.”²⁶

Prosseguindo, proclamaram os itálicos que o número 7 constituía o tempo crítico, pois os períodos de sete dias, sete meses e sete anos têm papel preponderante no desenvolvimento dos seres; 4 ou 9 constitui a justiça, pois se obtém cada um desses números pela multiplicação do primeiro par e do primeiro ímpar

24. TEODOR GOMPERZ, *op. cit.*, vol. I, p. 102-104.

25. ARISTÓTELES, *Metaf.*, I, 5, 986 a, 4.

26. ARISTÓTELES, *Do céu*, II, 9, 290 b, 15-29.

por si mesmos, e, na justiça, há reciprocidade de remuneração. Sempre imóvel, a inteligência é constituída da unidade, ao passo que a opinião, sempre oscilante e móvel, é constituída do número 2.²⁷ Reunindo o homem que é ímpar e representado pelo número 3, e a mulher que é par, representada pelo número 2, constitui-se o casamento do número 5. Encontrando a harmonia sua expressão perfeita na oitava, representava-se a amizade pelo número 8. Cronos era um triângulo, e Zeus, um dodecágono. "Eis aí — escreve Salomon Reinach — até onde foi levada a Geometria incipiente pela concepção — no fundo, muito justa — de que o mundo é governado pelos números".²⁸

Como se vê, a atividade científica que, segundo Aristóteles, teria sido a específica da ordem, era inseparável da atividade religiosa. Foi provavelmente essa duplicidade de atividades — mística e intelectual — que atraiu tantos adeptos, de ambos os sexos, para a sociedade recém-fundada, tendo uns preferido esta, outros, aquela atividade, de acordo com a vocação. Daí, talvez, a divisão ocorrida dentro da liga, e da qual nos dão notícia Porfírio e Jâmblico, entre "matemáticos" e "acusmáticos", dedicando-se os primeiros, notadamente, às mais elevadas pesquisas intelectuais, ao passo que preferiam os segundos atender, antes de tudo, aos preceitos que se entrosavam com o aspecto místico da ordem.

Quanto à atividade política exercida pelos pitagóricos, não só em Crótona, como noutras cidades da Itália Meridional, parece ter ela resultado de hábitos e costumes adotados pela irmandade pitagórica, e que impressionaram favoravelmente os políticos locais, notadamente, os conservadores. Tal impressão favorável deu oportunidade aos representantes da liga no sentido de participarem efetivamente do governo local.

Informa-nos o historiador Diódoro de que Télis, líder do partido popular em Síbaris — Cidade famosa em toda a Grécia

27. LÉON ROBIN, *op. cit.*, p. 69.

28. SALOMON REINACH, *Lettres a Zoé sur l'histoire des philosophies*. Hachette, Paris, tomo I, p. 50-51.

antiga pela volutuosidade de seus habitantes — persuadiu seus concidadãos a banir quinhentos oligarcas ricos, bem como dividir seus haveres entre os sibaritas. Tendo os exilados procurado refúgio em Crótona, foi esta, caso os recebesse, ameaçada de guerra por Télis. Reunida a assembléia crotoniense para decidir a questão, esteve ela a ponto de submeter-se à exigência do líder sibarita, não fosse a intervenção enérgica de Pitágoras, que convenceu os representantes de Crótona a receberem os exilados. As duas cidades foram à guerra, tendo as forças crotonienses, comandadas pelo pitagórico e atleta Milo, conseguido vitória espetacular. Consta mais que os vencedores arrasaram de tal modo a Cidade vencida que, relativamente poucos anos mais tarde, não se encontravam sequer seus vestígios. Ora, algum tempo antes, havia Crótona sofrido séria derrota militar, às margens do rio Sagra, por parte dos locrianos, e sentia ela ainda os efeitos morais negativos do desastre quando fundara Pitágoras sua ordem. Só por força desse episódio, pode-se avaliar o prestígio dos pitagóricos diante dos políticos locais, notadamente, os representantes do regime conservador.

A notícia da participação dos pitagóricos nos negócios políticos favorece o ponto de vista daqueles historiadores que admitem decidida influência de Pitágoras, sob todos os aspectos, sobre Platão: famosa se tornou essa proclamação do autor da *República* (V, 473 c-d) de que "enquanto os filósofos não se tornarem reis nos Estados ou aqueles que denominamos reis e soberanos não forem verdadeira e decididamente filósofos, ... não cessarão os males dos nossos organismos estatais nem ... os da humanidade..."

A infiltração de elementos pitagóricos no âmbito político de Crótona provocou antipatia por parte de muitos crotonienses. Alguns desses consideravam-nos forasteiros indesejáveis, que queriam assenhorear-se da Cidade. Viam-nos outros através de prismas diferentes, mas também desfavoráveis. Parece que se agravou a situação quando um rico represen-

tante da aristocracia local, Cilon, pretendeu ingressar na ordem pitagórica, mas foi recusado por motivos de natureza moral. Despertou-lhe a recusa ódio intenso, levando-o a uma campanha sistemática contra a sociedade. Tão intensa foi a propaganda promovida por Cilon contra a liga, que teria Pitágoras julgado prudente exilar-se em Metaponto, outra Cidade da península itálica. Entretanto, continuaram os pitagóricos mandando em Crótona, até que um dia, depois de ter convencido muitos de seus concidadãos dos malefícios da ordem intrusa, conseguiu Cilon, com a ajuda de um arruaceiro de nome Ninon, vingança espetacular contra os inimigos: a turba invadiu a casa onde se encontravam reunidos os confrades, ateou-lhe fogo, promovendo a matança da quase totalidade dos integrantes da liga local. De acordo com versão que remonta a Aristóxeno, só conseguiram escapar do massacre Árquipo, que se refugiou em sua terra, Tarento, também na Itália, e Lísis, outro tarentino que, havendo-se retirado mais tarde para Tebas, teve como discípulo o famoso general tebano Epaminondas. Não deve ter ocorrido o massacre antes da morte de Pitágoras, provavelmente em Metaponto.

Escreve Porfírio em sua *Vida de Pitágoras* que, apesar do rigoroso silêncio imposto pelo velho mestre a seus discípulos, sabia-se que professava ele as seguintes doutrinas: primeiro, a da imortalidade da alma; depois, a da metempsicose; além disto, a de que "as ocorrências passadas se repetem em processo cíclico, nada havendo de absolutamente novo."; finalmente, a do parentesco de todas as coisas vivas.

Tendo-nos já referido, aqui, à doutrina da metempsicose, falaremos das demais em outra oportunidade.

SYLVIO BARATA VIANNA

Vianna se fonde sur les études les plus classiques pour essayer de dégager, de l'ensemble des légendes qui les entourent, les traits les plus vraisemblables de la vie et de la personnalité de Pythagore, et des théories pythagoriciennes.